

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

ACERCA DO SURGIMENTO DA FILOSOFIA

Affonso Henrique Vieira da Costa
UFRRJ

RESUMO: O trabalho procura pensar acerca do nascimento da filosofia a partir da pergunta filosófica fundamental “Que é o real?”. Particularmente estará em jogo a harmonia como fundo do pensamento de Heráclito em contraste com a *órexis* determinante do filosofar propriamente dito.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia – harmonia – *órexis*– *páthos*.

ABSTRACT: This paper search think about the birth of philosophy from the fundamental philosophical question “What is real?”. Particularly, the discussion will be held about harmony as background of Heraclitus’s thought in contrast with the determinant *orexis* of the philosophize itself.

KEYWORDS: Philosophy – harmony – *orexis* – *pathos*.

I

O trabalho ora proposto procura pensar em torno da questão filosófica fundamental, que apareceu há mais ou menos 2500 anos, e que, de certa maneira, orientou o pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles. Trata-se da questão *tí tò ón*, “que é o real?”.

O propósito de tal iniciativa é precisamente o de propiciar um lançamento para o interior do próprio filosofar. No entanto, para que isso seja possível, faz-se necessário a apropriação da pergunta originariamente grega, diferentemente de tomá-la e repeti-la milhares de vezes como se fosse uma pergunta qualquer.

Diante disso, o que primeiramente nos impressiona é o fato de que pensadores como Anaximandro, Parmênides e Heráclito não façam perguntas. Parece que esses pensadores já se

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

encontram pertencendo a uma determinada dinâmica de pensamento em que o ser mesmo se apresenta aberto em todo seu esplendor. Em outras palavras, o pensamento aí parece corresponder àquilo que está, de antemão, em manifestação. É o que se mostra, por exemplo, na palavra fundamental de Heráclito: a “harmonia”. Há explicitamente aí um acordo, uma correspondência ao *lógos*. O *homologeín*, presente no fragmento 50, de Heráclito, é um dizer no mesmo sentido do *lógos*, é um falar como o *lógos* fala. Nessa correspondência, entretanto, o que está em evidência é o *sophón* e o que ele diz, o que ele pode dizer. De olho nesta palavra, voltamo-nos para outra, a saber, *philósophos*, um adjetivo que talvez tenha surgido pela primeira vez com o próprio Heráclito.

Porém, este adjetivo, que bem poderia ser traduzido ao pé da letra por “filósofo”, em referência ao homem, ainda não diz e não poderia dizer o que a filosofia viria a ser com o aparecimento da figura de Sócrates. Não diz, pois o que Heráclito faz ainda não é a filosofia propriamente dita, compreendida como investigação do ser dos entes, visto que, este, em seu dar-se, já se encontra na abertura do modo de ser dos chamados pré-socráticos. Por outro lado, justamente por não se encontrar mais nessa abertura, a filosofia surge com essa mesma pergunta: a pergunta pelo que é, pela essência do próprio real, *tí tò ón*, que irá se apresentar quando do retraimento e da ocultação do que anteriormente era manifesto.

II

Com tal apresentação do problema, muitas coisas foram ditas, porém pouco desenvolvidas. No caminho que procura compreender a pergunta pelo ser dos entes, que é o traço decisivo que configura isto que hoje denominamos de filosofia, encontra-se o acordo, a harmonia, o *homologeín* heraclitiano, que se perdeu e se transformou em *órexis*, isto é, na necessidade posterior da pergunta filosófica que surgirá sobre a base de um desejar intenso, de um aspirar pelo *sophón*.

É justamente diante desta perda que ouvimos a passagem de Aristóteles, traduzida por Heidegger:

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

Assim, pois, é aquilo para o qual (a filosofia) está em marcha desde os primórdios, e também agora e para sempre e para o qual sempre de novo não encontra acesso (e que é por isso questionado): que é o ente? (*tí tó ón*).¹

Poderíamos, então, perguntar: O que é esse “não encontrar acesso”?

Essa pergunta tem sua proveniência naquilo que, desde Sócrates, passando por Platão e Aristóteles, nomeou-se de espanto, de admiração, em grego *tò thaumázein*. Diz Platão, no Teeteto: “É verdadeiramente de um filósofo este *páthos* – o espanto; pois não há outra origem imperante da filosofia que este”².

O espanto, como nos apresenta Platão, é o princípio, a origem de todo filosofar. Mas o que diz a palavra princípio? Princípio é arché. Princípio não é começo. Onde muito se começa, mais distante se encontra o princípio. Entretanto, parece estranho e até mesmo óbvio dizer isso, a saber, que só se pode começar pelo começo. Porém, exatamente aí é que há a possibilidade de se encontrar um aceno em direção ao princípio. O começo de um estudo pode ter se desencadeado com uma determinada leitura, porém o princípio, que atravessa toda investigação, já estava presente em seus desdobramentos, só que adormecido. Assim, ao ler Heráclito ou Parmênides, Platão ou Aristóteles, isso não significa que, de pronto, estaremos na dinâmica daquele pensamento primordial que tais pensadores trazem consigo. Essa leitura talvez seja um começo a partir do qual o leitor possa se lançar no “lugar” desde onde a fala desses mesmos pensadores veio a ser o que ela mesma é. O começo, conforme dissemos, acena. Caso estejamos atentos, caso percebamos tais acenos e, justamente por isso, nos deixemos conduzir pelos mesmos, o que é propriamente o princípio, o desde onde tal pensar se produz – a sua origem – pode vir à presença. Se o princípio se manifesta, ele atravessa toda a ação investigativa – pois é “origem imperante” –, dominando desde sempre todo o processo, em cujo fim se dá a sua plenificação.

¹ Tradução da passagem da Metafísica VII, 1, 1028 b 2 ss em HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia?. In _ . Heidegger, p. 17. Na tradução da Metafísica, de Aristóteles, por Giovanni Reale, temos: “E na verdade, o que desde os tempos antigos, assim como agora e sempre, constitui o eterno objeto de pesquisa e o eterno problema: ‘que é o ser?’ ”. No original: *Kaì dè kaì tò pálai te kaì nyn kaì aei zetoúmenon kaì aei aporoúmenon, ti tò ón*.

² PLATÃO. Teeteto, 155 d. No original: *Mála gàr philosophou touto tò páthos, tò thaumázein, ou gàr alle archè philosophías hè haúte*. A tradução acima se encontra em HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia? . In _ . Heidegger, p. 21.

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

Ouçamos, nesse momento, atentamente também a passagem de Aristóteles na sua *Metafísica*: “Pelo espanto os homens chegam agora e chegaram antigamente à origem imperante do filosofar”³. Novamente aqui soa o verbo *arkhein*, que diz “o que impera”, vige em um vigor que atravessa todo o processo em todos os seus desdobramentos. Neste sentido, aquilo desde onde nasce a filosofia – o próprio espanto –, é o que sempre determina o seu modo de ser no percurso de sua História.

Ora, diante de tudo isso, o “não encontrar acesso” não é apenas algo que deva ser apreendido como o que traz consigo uma negatividade, mas, de maneira bem diferente, é também aquilo que se faz presente em todo filosofar como o que instiga o filósofo a procurar caminhar sempre no sentido da pergunta fundamental pelo que é o real, *tí tò ón*. Ele também nos indica que o ser dos entes se retraiu e que o nascer da filosofia revela esse retraimento a partir do surgimento dessa mesma pergunta fundadora.

III

Porém, conforme podemos notar, para que se faça tal pergunta, a filosofia precisa ser produzida no âmbito de um *páthos*, de um toque, de uma afecção ou, se se quiser, no seio de uma disposição de humor. A admiração, o espanto, é essa disposição que faz brotar a pergunta a partir de um recuo dos entes, de um não mais saber o que eles mesmos são. É dessa ignorância, por exemplo, que se nutrem os diálogos socráticos e todo não saber de Sócrates. Este não saber, por sua vez, não possui nada de negativo e nem de positivo. Ele é, bem antes, transitivo, pois transforma o humano recolocando-o na dimensão do que agora se compreende por sabedoria.

O *páthos*, a experiência que impõe ao homem uma perda de mundo, joga este mesmo homem diante do seu “não mais se reconhecer em casa”. Basta que vejamos o início do processo de libertação do prisioneiro da caverna platônica e a sua visada sobre o que ele agora passa a ver como sombras e que antes era o “mais desvelado”, *alethesterá*. Os entes, enfim, todo o real já não se manifesta mais no modo como anteriormente se manifestava. Tudo se

³ ARISTÓTELES. *Metafísica*, I, 2, 982 b 12 ss. No original: *dià gâr tò thaumázein hoi ánthropoi kai nyn kai prôton ércsanto filosofhein*. A tradução acima se encontra em HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?*. In __. Heidegger, p. 21.

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

afasta e não há mais reconciliação enquanto se tiver a pretensão de encontrar, no seio dessa experiência, a mesma coisa no modo como ela se dava anteriormente. Neste caso, com relação ao lume de fogo que é visto pelo prisioneiro, a dor que ele sente não provém apenas da luz que incide sobre seus olhos, mas da impossibilidade de voltar ao estado anterior de comodismo, onde tudo se mostrava na mais perfeita ordem. Trata-se da dor de ter perdido um mundo e de ter que se sustentar em uma espécie de “sem chão” por conta de um recuo dos entes, pois eles agora se revelam de maneira completamente diferente do modo como se revelavam anteriormente. Esse recuo dos entes é o que permite que novamente seja possível a pergunta pelo que é. Ele traduz, em verdade, esse desejo do homem em procurar dar uma resposta ao próprio real. O problema, no entanto, se revelará no modo como o pensamento filosófico, ao longo de toda a História da filosofia, vai ao encontro dessa resposta. O desejo intenso pelo saber, a *órexis*, vai se colocar numa dimensão completamente distinta daquela dimensão de acordo presente na filosofia dos chamados pré-socráticos. Não é à toa, portanto, que um filósofo da estatura de Nietzsche, vai auscultar o que ele denomina de “ingenuidade do helênico”, ou seja, esse puro deixar ser as coisas naquilo que elas mesmas são em oposição à necessidade de conhecimento socrática que se impõe a partir da pergunta filosófica. Essa pergunta, para ele, aparece como que minando essa ingenuidade e desarticulando a harmonia existente anteriormente em que os gregos viam todas as coisas na luz de um sentido, fazendo até mesmo com que um Tales de Mileto pudesse afirmar que “tudo está cheio de deuses”.

Tal dinâmica, que compreende a necessidade de busca de conhecimento, encontrada nos diálogos escritos por Platão, faz-se presente logo no início da *Metafísica* de Aristóteles. A primeira frase do livro I é esclarecedora. Nela lemos: “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber”⁴. Essa tendência, esse desejo imenso pelo saber, é a marca do humano, daquele que, agora, no âmbito do aparecimento da filosofia, justamente por não se encontrar mais na harmonia anterior dos pré-socráticos, não sabe. Esse não saber, o seu reconhecimento, é abertura para a possibilidade de todo saber. No entanto, o que precisamos compreender é o estatuto deste saber, qual o seu sentido e a sua articulação com o todo da realidade.

IV

⁴ ARISTÓTELES. *Metafísica*, I,1, 980 a 20 . No original: *Pántes anthropoi tou eidenai oregontai physei*.

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

Mas o que está em jogo aí? Encontra-se presente, com a filosofia, uma tendência que privilegia o conhecimento em detrimento do próprio pensamento. Enquanto o pensamento atendia àquela harmonia anteriormente exposta, o conhecimento, ao menos no modo como ele irá se desdobrar ao longo da História da filosofia, busca atender a esse desejo intenso, à própria *órexis*.

No entanto, para que possamos nos aproximar do sentido do todo enunciado acima, recorreremos, mais uma vez, ao fragmento 50, de Heráclito. Nele, lemos o seguinte:

Se não me haveis escutado a mim mas o sentido, é sábio dizer no mesmo sentido: um é tudo ⁵.

Está em jogo, em tudo o que é dito, a unidade de totalidade do real. Esta se manifesta a partir da escuta de um sentido, que permite dizer essa mesma unidade a partir de seu dar-se. Estamos, de repente, remetidos a um escutar e a um dizer, a um pensador e ao *lógos*, a um sentido que atravessa tudo o que é e que é nomeado numa unidade de totalidade. Nesse nomear propriamente dito, encontra-se o que é sábio. Está em questão, portanto, um poder dizer. O *sophón*, que se encontra na dimensão do *lógos*, como *légon*, falante, diz: *Hèn Pánta*, tudo é um.

O dizer na correspondência à unidade de totalidade faz aparecer o sábio naquilo que ele mesmo é, a saber, como aquele que, tomado pelo princípio, na ausculta do sentido, pode dizer o que se manifesta. Este dito, no entanto, não é um que tem sua proveniência na subjetividade do pensador. Mas, bem ao contrário, o próprio pensador nos chama a atenção para o fato de que não é a ele que devemos escutar, mas sim o sentido que o atravessa e permite que diga o que tem que dizer.

Mas o que significa este “ter que dizer”? Este se funda na harmonia anteriormente mencionada. Essa harmonia, que se revela como exposição à sabedoria, mostra-se no âmbito de um equilíbrio. Aí, entre os opostos, entre o dia e a noite, o claro e o escuro, a vida e a morte, entre o desvelamento e o velamento, isso que é o real se manifesta.

⁵ A tradução acima se encontra em HEIDEGGER, Martin. Logos. In __. Ensaios e conferências, p. 183. Em grego, a sentença diz: *ouk emou allà Lógou akoúsantas / homologein sophón estin Hèn Pánta*.

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

A chamada obscuridade de Heráclito encontra-se nessa disposição ao real, nesse deixar que ele se manifeste em todas as suas tensões. Já o pensamento posterior marca uma tendência a se afastar da origem, isto é, dessa harmonia, buscando, a partir do desejo intenso – *órexis* –, fixar-se em um dos polos do real. Ao buscar determinar o ser dos entes, o que passa aí a ser visado é um “dar conta” de toda a realidade, e isso de tal modo que esse pensamento – nomeado como metafísico – não consegue dispor-se ao retraimento daquilo que é doado como o sentido do real.

Diante disso, toda harmonia, presente nos pensadores pré-socráticos, desfaz-se e acaba, juntamente com este processo, impondo uma marca nos desdobramentos da própria História do Ocidente. Essa marca, que é o princípio mesmo da filosofia, encontra-se de maneira contundente, dada a sua exposição, na plenificação deste pensamento com o desenvolvimento das ciências e a exploração técnica.

A tendência, portanto, em se fixar em um dos polos revela a cegueira com que a filosofia, no seu afã por desvelar o sentido do real, se nutre. O excesso encontrado, por exemplo, na busca por clareza e visando a pura claridade, afastando de si todo mistério e toda escuridão, vige nessa mesma cegueira, que não se permite sequer desconfiar de suas ações, deixando-se levar pela sedução do apenas desvelado.

No âmbito dessa cegueira, a harmonia heraclitiana já se despediu há tempos.

O “não-saber” do ente, configurado na ignorância socrática, expõe a *órexis* como fundo orientador do modo próprio de ser e realizar-se disso que se nomeará de filosofia que, por sua vez, vem à tona, conforme dissemos, quando a harmonia chega ao fim e o próprio ser do ente, o seu sentido, se retrai.

Nesse retraimento, toda a tensão que envolve a alétheia – a harmonia presente no movimento próprio de velamento e desvelamento – se desfaz. Com isso, forma-se a tendência em tomá-la como a “verdade” do ente. Tendência que se manifestará propriamente com o advento da filosofia nas figuras de Sócrates, Platão e Aristóteles e que se estenderá até os tempos modernos, em que tudo já se encontra previamente disposto à voragem do conhecimento.

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

V

Mas, quem são propriamente os chamados filósofos pré-socráticos, por muitos também nomeados de pré-platônicos ou até mesmo pré-aristotélicos? São, de acordo com a História da filosofia, aqueles que antecederam às filosofias de Sócrates, Platão e Aristóteles. Porém, nesse anteceder, o que podemos ver, no âmbito dos desdobramentos da própria filosofia, a partir da assunção de sua marca, é que eles se apresentam como aqueles pensadores que ainda não são como Sócrates, Platão e Aristóteles. Isso nos diz: São inferiores a eles, que passam a ser a medida para todo o pensamento que se cristalizou com o nome de filosofia.

Sob o peso dessa verdade, não somente estes pensadores são chamados de primitivos e, portanto, seu pensamento sempre acaba sendo visto como a infância do que aparece posteriormente, como também isso que é a essência da filosofia se oculta em seu processo de realização. Por isso, pensar o sentido da filosofia na constituição da História do Ocidente, assim como pensar o pensamento dos primeiros pensadores,

será experienciar a decadência planetária de pensamento em que hoje nos debatemos. Trata-se de uma decadência tão decadente que grande é o risco de perdermos até as condições de identificar a decadência e apreciá-la como decadência ⁶.

No seu intento por descortinar o real, determinada pelo desejo de dar uma resposta a toda realidade, abarcando-a com seu poder calculador, a filosofia (e o que dela vem à luz) sai da tensão em que o pensamento dos chamados pré-socráticos se instalou e que permitiu que pensassem tudo o que pensaram. A harmonia quebrou-se, o arco enrijeceu-se, os caminhos para o divino se perderam. Como hoje compreender a relação de Heráclito com Ártemis? Como ir ao encontro disso que Heráclito nomeia com a palavra *pólemos*, tantas vezes repetida e pouco pensada? De que maneira se poderia ainda pensar na harmonia, no acordo com o sentido, quando este, de algum modo, já se retraiu e nesse retraimento vem configurando, em seus desdobramentos, o que se convencionou chamar de História do Ocidente? Teríamos que percorrer toda essa História até ao ponto de sua saturação, isto é, de seu não poder mais nada? Será isso o que Heidegger tentou pensar com o título de um pequeno texto de nome O fim da filosofia e a tarefa do pensamento? Podemos saltar para fora da filosofia, de maneira a ir ao

⁶ LEÃO, Emmanuel Carneiro, WRUBLEWSKI, Sergio (orgs.). Os pensadores originários. Anaximandro, Parmênides e Heráclito, 1991, p. 9.

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

encontro daquilo que, desde o princípio, determina o curso de sua História? Pensar o que pensaram os primeiros filósofos, a saber, Sócrates, Platão e Aristóteles, nos ajudaria a ir ao encontro do que principia em todo o filosofar, justamente por eles estarem tão próximos de sua fundação? Por outro lado, pensar o que pensaram Hegel e Nietzsche, por exemplo, também não nos ajudaria a compreender a filosofia em seu processo de plenificação?

Tanto no princípio como no fim o que está em jogo é o originário que atravessa todo o pensamento ao longo da História da filosofia. Neste sentido, os pensadores pré-socráticos, por alguns agora chamados de originários, permitem um acesso ao que se nomeou posteriormente de filosofia. É a esse acesso que precisamos nos dirigir, de maneira que não sejamos mais arremessados de maneira inadvertida ao âmbito de seus desdobramentos sem a possibilidade de saltarmos para além, para a região de sua fundação, pois o que se apresenta como decisivo em nossa época é um poder pensar a plenitude da filosofia como um desdobramento de seu princípio, de maneira que, a partir daí, possamos, tal como Heráclito, esperar o inesperado, isto é, o princípio configurador de um novo início.

VI

Tí tò ón, “que é o real?”, é a pergunta que põe em marcha a História do Ocidente, a própria História da filosofia. Nessa jornada, procurou-se, ao longo das épocas históricas, determinar o sentido do real, o ente em seu ser. No âmbito dessa determinação, seguindo a orientação do que se desvelava, o pensamento metafísico não encontrou caminhos para pensar a doação de sentido propriamente dita. Tal pensar, no entanto, no momento mesmo de plenificação da metafísica, tem a possibilidade de se dar.

Para que, ao menos, se vislumbre tal passo, procuraremos interpretar, mesmo que provisoriamente, um fragmento de Heráclito. Trata-se do fragmento 123: “Surgimento tende ao encobrimento”⁷. Em grego, diz: *phýsis krúptesthái philei*. A tradução corrente apresenta-se da seguinte maneira: “Natureza ama esconder-se”.

⁷ LEÃO, Emmanuel Carneiro, WRUBLEWSKI, Sergio (orgs.). Os pensadores originários. Anaximandro, Parmênides e Heráclito, 1991, p. 91.

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

O que no fragmento nos diz a palavra *phýsis*? *Phýsis* indica tudo aquilo que de si mesmo vem à luz, desabrocha. É fenômeno, aparição, brotação, florescimento. Heráclito, ao dizer que tudo aquilo que vem à luz tende ao encobrimento, mostra que, para os homens, o que, em princípio, se revela como mais importante é a coisa desvelada, o próprio ente. É com os entes que os homens lidam em seu cotidiano. Para eles, imersos em seus afazeres, a questão relativa de que o ente é no ser, nem se aproxima, isto é, não se coloca em toda a sua estranheza. Todo o seu interesse está agrilhado aos entes, do mesmo modo que o prisioneiro da caverna platônica relaciona-se com as sombras. Perdidos e determinados por elas, pelo seu aparecer, nada sabem acerca da aparição, que faz com que as coisas mesmas venham a ser o que são.

O Ser não é uma coisa entre outras, mas atualidade, presença. O que aparece são os existentes, o que não aparece é a própria aparição, isto é, o Ser. O que se manifesta são os seres presentes, o que é escondido é a Presença que faz aparecer os existentes, o que esquecemos totalmente é sua aparição diante de nós ⁸.

O que se impõe aí? Um pensar acerca do sentido do desvelamento. O Ser se dá ao mesmo tempo em que se recolhe. Não há desvelamento sem velamento. É no “entre” velamento e desvelamento, na ausculta de sentido, equilibrando-se nos contrários, que isso que é a *phýsis* se manifesta. Nessa sua manifestação somos arremessados diante do mistério de sua aparição e da provocação de que todo ente é no ser. Por isso, Pierre Hadot, pensando o modo como Heidegger interpreta o fragmento, afirma que, de acordo com o filósofo,

a-létheia quer dizer não-esquecimento, não-velamento. Mas também a verdade, concebida como des-velamento, supõe um velamento. A *phýsis*, igualmente, é um desvelamento que é velamento, uma eclosão que é ocultação: desabrochar é velar-se, velar-se é se manifestar ⁹.

Essa passagem nos traz a tarefa de pensar o *krúptesthái* como pertencente à própria *phýsis*. Não se trata, como muitos sempre acreditaram, de eliminar a tendência a se esconder pertencente à *phýsis*, como se isso fosse um erro e precisasse ser corrigido. Trata-se, bem

⁸ HADOT, Pierre. O véu de Ísis, 2006, p. 326.

⁹ Idem, p. 327.

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

antes, de um deixar que a *phýsis* apareça naquilo que ela mesma é, em toda a sua possibilidade de se revelar e de se ocultar. É sua característica o retraimento. Por isso, o pensamento que quer pensar a *phýsis* precisa deixar-se conduzir pelo que se retrai, de maneira a dispor-se na dimensão da própria doação de sentido.

VII

Mas o que significa essa doação? Em seu âmbito, na esfera da correspondência, do *homologeín*, encontra-se toda possibilidade do dizer, do *lógos*, da linguagem. O corresponder é ele mesmo um poder dizer. É neste sentido que toda preparação, toda espera é sempre um estar à disposição da linguagem, do que vem à fala, diferentemente daquele que a toma como instrumento e a coloca a serviço do pensamento. Bem antes, a linguagem se dá, isto é, desvela-se na luz de um sentido, trazendo consigo o mundo em seu processo de estruturação e de organização. Pensar o “dar-se” da linguagem, a doação própria de sentido, é entrar na disposição a partir da qual a filosofia e o surgimento de sua pergunta fundadora têm a possibilidade de serem pensadas desde uma região mais originária, onde ela própria aparece como “uma correspondência, que manifesta na linguagem o apelo do ser do ente”¹⁰.

Quem sabe aí possamos ouvir de maneira mais atenta a passagem de Aristóteles anteriormente citada e que nos conduz à origem imperante da filosofia, em que princípio e fim se reúnem ao longo da História da filosofia, convidando-nos a pensar em sua essência e abrindo-nos, a partir da tarefa do pensamento, à espera de outro começo. Diz-nos, ainda mais uma vez, Aristóteles:

Assim, pois, é aquilo para o qual (a filosofia) está em marcha desde os primórdios, e também agora e para sempre e para o qual sempre de novo não encontra acesso (e que é por isso questionado): que é o ente? (*tí tó ón*).¹¹

Referências Bibliográficas:

¹⁰ HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia? . In _ . Heidegger, p. 24.

¹¹ Ver nota 1.

Vieira da Costa, Affonso Henrique
Acerca do surgimento da Filosofia

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Marcelo Perine a partir da tradução de Giovanni Reale com texto grego ao lado. São Paulo: Loyola, 2005.

BORNHEIM, Gerd (org.). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1985.

FOGEL, Gilvan. Seminário sobre Heráclito. In __. *Da solidão perfeita*. Petrópolis: Vozes, 1998.

HADOT, Pierre. *O véu de Ísis*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HEIDEGGER. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Heráclito*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

_____. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In __. *Heidegger*. Tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1979.

_____. Que é isto – a filosofia? . In __. *Heidegger*. Tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1979.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Filosofia grega*. Teresópolis: Daimon, 2010.

LEÃO, Emmanuel Carneiro, WRUBLEWSKI, Sergio (orgs.). *Os pensadores originários. Anaximandro, Parmênides e Heráclito*. Petrópolis: Vozes, 1991.

PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universidade Federal do Pará, 1974.

PLATON. *Oeuvres complètes. Traduction par Émile Chambry*. Paris: Garnier, 1947.

SOUZA, José Cavalcante de (org.). *Os pré-socráticos*. Fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Nova Cultural (Os pensadores), 1985.

[Recebido em junho de 2015; aceito em julho de 2015.]